

Portugal Mítico: a construção da autognose nacional

Portugal Mystic: the construction of national autognose

Roberto Nunes Bittencourt¹

Resumo: Este artigo discute a perspectiva de captação semântica dos símbolos, das insígnias e dos rituais do Portugal Mítico. Assim, há que se pensar para além de um materialismo histórico e considerar o lado oculto e simbólico da História de Portugal. Tal ideia encontra sustentação na necessidade de um estudo para além dos dados cronológicos e interpretações simplistas, mas na busca da realidade viva e simbólica da História e dos fatos que dela se originaram, compreendendo que uma análise histórica se dá mais do que pela leitura de documentos coevos, estudos fósseis ou interpretações de artefatos, mas pela leitura do pensamento mágico ancestral.

Palavras-chave: Imaginário, História, Cultura.

Abstract: This article discusses the prospect of semantic abstraction of symbols, insignia and rituals of Portugal Mythic. We must think beyond a historical materialism and consider the hidden and symbolic side of the history of Portugal. This idea is based on the need of a study beyond the chronological data and simplistic interpretations, but in the pursuit of living and symbolic reality of history and facts which it originated, comprising a historical analysis takes more than by reading documents coeval, fossils or artifacts studies interpretations, but by reading the ancestral magical thinking.

Keywords: Imaginary; History; Culture.

Portugal Mítico

Sérgio Franclim² – para quem os “mistérios de uma nação são por vezes demasiado densos para que possam ser dissecados e compreendidos à luz de questões materiais” – desenvolve um interessante estudo a respeito da mitologia portuguesa, dos mistérios e das figuras ímpares da História de Portugal, ressaltando, sobretudo, o destino divino que a pátria portuguesa sempre reclamou para si, como povo eleito, desde a aurora da nacionalidade. Diante de um processo a que chama verticalização da Lusitânia – caracterizada como a aglomeração de uma experiência coletiva – Franclim destaca que

¹ Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) pela UFRJ. E-mail: rnb.roberto@gmail.com, data de submissão 15/10/2015 e aceite em 20/11/2015.

² FRANCLIM, Sérgio. **A Mitologia Portuguesa segundo a História Iniciática de Portugal**. Parede: República dos Livros, 2009, p. 13.

Portugal é “o ressurgimento daquilo que foi a Lusitânia”³. Adotando uma perspectiva espiritual, divide a história de Portugal em cinco ciclos, ressaltando que se vive hoje o quarto, sendo o quinto, ainda, uma promessa. Mas, como destaca:

Tal divisão é meramente simbólica e está intimamente ligada aos acontecimentos que consideramos mais significativos para que se possa compreender a importância de Portugal perante o Mundo e perante o destino da humanidade. No final de cada um dos quatro primeiros ciclos, domina a ideia de destruição da pátria. Além disso, cada um dos ciclos está intimamente ligado à ideia de iniciação. [...] Cada fase da história portuguesa, simbolicamente dividida, tem um período em que a nacionalidade portuguesa é posta em causa.⁴

Desta maneira, o primeiro ciclo iniciático – em que o poder ideológico dominante é o dos reis – inicia-se em 1140, ano em que D. Afonso Henriques passa a assinar seus documentos como rei, perdurando por 245 anos, sendo que a prova iniciática se dá com a morte de D. Fernando I, em 1383 – a simbólica descida aos infernos, de qual falam René Guénon⁵ e Sérgio Franclim⁶ – para, em 1385, com a Batalha de Aljubarrota, iniciar-se a ascensão de Portugal no início de um novo ciclo. Este, com o poder ideológico do clero, que durou cerca de 255 anos – de 1385 a 1640 – e cuja descida aos infernos e a ascensão são marcadas pelo desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer-Quibir e a restauração da independência (1578-1640). Durando cerca de 250 anos, de 1640 a 1890, e tendo como poder ideológico dominante o do povo, o terceiro Ciclo se consolida – com o segundo –

³ FRANCLIM, Sérgio. **A Mitologia Portuguesa segundo a História Iniciática de Portugal**. Parede: República dos Livros, 2009, p. 11.

⁴ FRANCLIM, Sérgio. **A Mitologia Portuguesa segundo a História Iniciática de Portugal**. Parede: República dos Livros, 2009, p. 11.

⁵ Como aponta René Guénon: “Sendo a verdadeira iniciação uma tomada de posse consciente dos estados superiores, é fácil compreender que ela seja simbolicamente descrita como uma ascensão ou uma ‘viagem celeste’; mas poder-se-ia perguntar porque é que essa ascensão deve ser antecedida por uma descida aos infernos. [...] essa descida é como uma recapitulação dos estados que precedem logicamente o estado humano, que determinaram as suas condições particulares e que devem, assim, participar na ‘transformação que se vai efectuar.”. GUÉNON, René. **“O Rei do Mundo”**. Tradução de Lima de Freitas. In. *Dhârânâ* nº s 24-25 (janeiro a dezembro de 1964) – Ano XXXIX, 1995.p. 54.

⁶ Para Franclim, sendo a história de Portugal cíclica e cada Ciclo uma recapitulação dos anteriores, a descida aos Infernos constitui “a contínua purificação da nação”. FRANCLIM, Sérgio. **A Mitologia Portuguesa segundo a História Iniciática de Portugal**. Parede: República dos Livros, 2009. p. 13.

como cerne do messianismo português, sobretudo ao se pensar no sebastianismo que florescia cada vez mais diante de um Império então em ruínas. Portugal perde, afinal, sua autonomia em Alcácer-Quibir e, por longos sessenta anos põem-se à sombra da coroa espanhola, com a geração filipina⁷. Trata-se, aliás, do primeiro de um conjunto de atos que culminam, no final do século XIX, com o Ultimato, conforme destaca Sérgio Francelim:

A escuridão que envolve Portugal é enorme. Nessa escuridão, mescla-se o nevoeiro sebástico. Nesse nevoeiro, vagueiam portugueses de outrora, mantendo viva a chama da Mitologia Portuguesa. A escuridão é enorme, mas já renascem verdadeiros portugueses, espiritualmente superiores, aptos a erigir a portugalidade no verdadeiro caminho. Hoje, o Tejo está coberto de nevoeiro e os sonhos estão sustidos sobre o império mais perfeito de Deus: aquele que será o Quinto e perfeito por ser contrário a todos os outros, pois terá o espírito de Deus a torná-lo eterno na imensidão do universo. Este é o sonho do Quinto Império: português e universal; português e espiritual.⁸

Com as invasões francesas em 1807, Portugal prova uma nova descida aos infernos, tendo início a destruição da monarquia e a incapacidade de ser independente diante do estrangeiro. Com o poder ideológico dominante dos poetas⁹, em 1890 Portugal tem sua quarta Iniciação que, seguindo a média dos anteriores, durará cerca de 250 anos. Será, então, o ano de 2140 – com o poder espiritual – o da implantação do Quinto Império após 1000 anos de Portugal? Os principais mitos culturais de Portugal procuram justificar a

⁷ Formulado pela primeira vez nas *Trovas* do sapateiro Gonçalo Anes, o Bandarra, em meados do século XVI, o mito de um rei Encoberto e salvador reapareceu durante o período filipino na sua forma sebástica. Após a Restauração, o padre António Vieira continuou a divulgação dos textos de Bandarra, ampliando a profecia à ideia de um Quinto Império português, em que se cruzavam temas históricos e bíblicos. Depois de D. João IV, o rei Encoberto foi sucessivamente identificado com D. Afonso VI, D. Pedro II e D. João V, reaparecendo no contexto das invasões francesas e no miguelismo. O sebastianismo assumiu importância ímpar, expressando o desejo persistente de libertação da miséria e opressão cotidianas.

⁸ FRANCELIM, Sérgio. **A Mitologia Portuguesa segundo a História Inicial de Portugal**. Parede: República dos Livros, 2009, p. 187.

⁹ Diz Francelim: “A 4ª Iniciação de Portugal começou a se definir com o Ultimato Inglês e com a implantação da República; é um ciclo impreciso, em que se confundem, em certa medida os três estados sociais: a nobreza, o clero e o povo e em que há uma certa dispersão, principalmente porque ainda nos situamos nele. o poder dominante da portugalidade é, contudo, dos poetas”. O autor destaca, sobretudo, o recrudescimento do sebastianismo: mais que D. Sebastião histórico, o que prevalece é o D. Sebastião metafísico. FRANCELIM, Sérgio. **A Mitologia Portuguesa segundo a História Inicial de Portugal**. Parede: República dos Livros, 2009, p. 152.

aventura portuguesa, no âmbito de uma aventura maior, a humana, movida por uma missão universalista. Desta maneira, tem-se o sebastianismo, o Quinto Império – tão preconizado pelo Padre António Vieira e por Fernando Pessoa, e a Idade do Espírito Santo, nas ideias Agostinho da Silva, que enfatizam o papel de Portugal como líder na construção de uma sociedade de nações messiânica e providencial.

Esta vocação plasmou-se em tempos na revista *A Águia*, que retomava as reflexões dessas e de outras figuras importantes da cultura portuguesa sobre o tema e que veio encontrar eco na primeira década do século XXI com a *Nova Águia*, que ressurgiu com a proposta de se “repensar desde a raiz o sentido de Portugal e da cultura portuguesa lusófona [...] para propiciar a emergência de uma nova consciência das possibilidades da nação, da lusofonia e da humanidade”¹⁰. Fala-se, novamente, no destino grandioso de Portugal e da comunidade lusófona; dos mitos e das profecias como indicadores de uma vocação portuguesa como nação que se auto-elege para cumpri-las. Eduardo Lourenço, ao refletir sobre a alma nacional, o sentimento português, e a identidade cultural, mostra que tais questões constituem uma preocupação dos grandes escritores portugueses, quando, ao escrever, indagam-se o que é Portugal e o que significa ser português. Em dois de seus livros – *Nós como futuro* (1997) e *Mitologia da Saudade* (1999) –, põe em questão o culto da nação portuguesa ao passado. Para o autor, “nenhum povo vive no passado como Portugal”¹¹. A memória coletiva e a sua constante revisitação do passado coletivo é, conforme ressalta Eduardo Lourenço, uma das peças importantes que encaixam no processo de autognose nacional, como a forma segundo a qual a pátria constrói os seus modelos identitários a partir do difícil equilíbrio entre o passado/memória e o futuro/destino, quando entre elas há um presente de crise. Percebe-se, assim, nos contextos históricos, tentativas frustradas de superação de um *déficit* de identidade nacional através de uma identidade projetada e fantasiosa. É o que Eduardo Lourenço chamaria de *hiperidentidade mítica*.

A característica insatisfação é resultado de um sentimento de ainda não ter cumprido plenamente algo a que Portugal crê estar destinado provocando um forte desânimo que não

¹⁰ BORGES, Paulo (dir.). **NOVA ÁGUIA, REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI: A Ideia de Pátria, Sua Atualidade**. Nº1, Lisboa: Zéfiro, 1º semestre 2008.

¹¹ LOURENÇO, Eduardo. **Nós como Futuro**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1997, p. 19.

é mais do que o estado de alma experimentado nos momentos de crise anímica profunda, pela ausência de ideais, de motivações, tendo em conta, ainda, um descontentamento em relação a si mesmo julgando-se, no momento, incapaz de aferrar-se ao destino para o qual foi forjado. Sendo o passado essencial ao sentido de identidade individual e coletiva, em vez do desejo de subverter as memórias traumáticas, devia se verificar a vontade de as integrar harmoniosamente no conjunto das dores de crescimento. Depois do passado nacional e de um presente de crise, tem-se a ideia de destino como terceiro aspecto deste paradigma identitário português.

É por isso que Eduardo Lourenço crê que o universo cultural português arrasta, há mais de quatro séculos, uma existência crepuscular. Após uma era gloriosa de descobrimentos e expansão, reserva-se para esse passado um sentimento de saudade, decorrente da incerteza de que os tempos egrégios talvez nunca mais vão se repetir. Pela saudade projeta-se no futuro o resgate das glórias do passado. É justamente este sentimento que cria uma identidade portuguesa a partir das figuras mitificadas. Para Eduardo Lourenço, “a saudade não foi mais que a expressão do excesso de amor em relação a tudo o que merece ser amado”¹². E, então, conclui que:

Com a saudade não recuperamos o passado como paraíso; inventamo-lo. O nosso povo, imemorialmente rural, absorvido por fora em afazeres desprovidos de transcendência, mas levados a cabo como uma epopeia, com seu talento do detalhe de miniatura é um povo sonhador. Não especialmente por ter cumprido sonhos maiores do que ele, mas porque, no fundo de si, ele recusa o que se chama a realidade.¹³

A saudade é um sentimento de letargia decorrente da contemplação do passado belo, que geralmente motiva o abatimento das disposições ativas da vitalidade de um homem, podendo levá-lo inclusive a sofrer terríveis tormentos morais na condução de sua vida prática, como decorrência do anseio de se reviver novamente as experiências do passado tais como o foram feitas, desconsiderando, assim, o avanço do tempo e dos acontecimentos na sua própria vida. Dessa forma, a saudade é um afeto que direciona o enfoque de um indivíduo para o passado radiante e idealizado, sem que, contudo, o instigue a viver criativamente no presente, pois o indivíduo saudoso tende a considerar como valoroso,

¹² LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da Saudade seguido de Portugal como Destino**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 13

¹³ LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da Saudade seguido de Portugal como Destino**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 13

sobretudo aquilo que faz parte do passado longínquo¹⁴. Para António Cândido Franco, “é uma saudade quase gnóstica, uma saudade luminosa doutra matéria qualquer que não sabemos qual é. Uma ânsia, uma aspiração, um desejo de infinito”¹⁵. Dalila Pereira da Costa vê na saudade uma condição dramática da existência e, ao mesmo tempo, redentora. É um conhecimento “de experiência feito”, um “conhecimento-vivência”, nas palavras da autora:

No conhecimento, um povo reventará nos limites dum século da sua história (e cada um dos seus homens nos limites da sua vida própria) os limites postos ao mundo conhecido, como Terra, abraçando-a circularmente, desvendando-a e possuindo-a num enlace e súbita iluminação, total. Na sua história, mas nela carnalmente, dramaticamente, por cada vida dum desses homens e todos juntos e unidamente, então reventando o que surge como o possível concedido à força humana. Será essa exigência última, a um tempo existencial e cognitiva, porque sempre do saber como vivência, o impossível sendo a dimensão da tensão que se põe no arco para o desfecho da seta – , o que informa a história pátria: como existência terrestre dum ser coletivo. Um caminhante em passagem aqui sobre a terra, ser finito e em trânsito, mas que para ela, sobre ela, trouxe uma medida do céu, como medida sem medida – a que humanamente se chama o impossível.¹⁶

Para Friedrich Nietzsche, a arte que não está comprometida com a afirmação da vida, com o aumento de potência criadora de ação, é extremamente prejudicial para o homem, pois somente serve de instrumento para o declínio das suas forças vitais. Há que se pensar, também, na criação artística que se utiliza da lembrança, da nostalgia do passado, como impulso para o presente e para a atividade. Essa peculiaridade, na interpretação nietzschiana, se serve da recordação saudosa como meio de desenvolvimento de sua própria força produtiva, favorecendo a continuidade da vida, da criatividade. Nessa concepção, compreende-se que o passado foi marcante, mas, se compreende também, que ele deve ser superado, posto que a vida é uma constante transformação de forças.

¹⁴ Nesse aspecto, pode-se considerar como propiciador do declínio da vitalidade e da potência criadora de um homem qualquer tipo de discurso que conceda demasiada importância para o sentimento de nostalgia, da saudade, como, por exemplo, a poesia que porventura verse efetivamente sobre esse estado de ânimo, enfatizando as dolorosas recordações do homem saudoso, o qual, incapaz de se desvencilhar das suas lembranças, não consegue desenvolver ações valorosas e criativas no momento presente.

¹⁵ FRANCO, António Cândido. “Filologia, origem e arcaísmos da palavra *Saudade*”. In: LOUÇÃO, Paulo Alexandre. *A Alma Secreta de Portugal*. 4. ed. Lisboa: Ésquilo, 2002, p. 140.

¹⁶ COSTA, Dalila L. Pereira da; GOMES, Pinharanda. *Introdução à Saudade*. Porto: Lello & Irmão, 1976, p. 97.

*Que os grandes momentos na luta dos indivíduos formem uma corrente, que como uma cadeia de montanhas liguem a espécie humana através dos milênios, que, para mim, o fato de o ápice de um momento já há muito passado ainda esteja vivo, claro e grandioso – este é o pensamento fundamental da crença em uma humanidade, pensamento que se expressa pela exigência de uma história monumental.*¹⁷

De acordo com a interpretação de Nietzsche, o gênero da História Monumental expressaria o anseio, por parte dos membros de uma determinada sociedade, de se conceder uma aura de mitificação aos feitos passados realizados por meio das obras dos homens criativos e valorosos, enfatizando, sobretudo, os caracteres que os seus antepassados produziram de grandioso, extraordinário e glorioso, que possam servir de inspiração para a tentativa de se repetir os mesmos feitos posteriormente, no decorrer das novas gerações. Desta maneira, portanto, “*uma coisa irá viver, o monograma de sua essência mais íntima, uma obra, um feito, uma rara iluminação, uma criação: ela viverá porque a posteridade não poderá prescindir dela*”¹⁸

No contexto português, as promessas não realizadas do Império – o passado heroico e o futuro desejado – tornam-se elementos-chave para a explicação de uma existência *carente* e uma *fraqueza nacional*. Além disso, Eduardo Lourenço ressalta que a saudade revela o sentimento de fragilidade nacional, que se converte num dom, numa espécie de “providência divina”, fazendo de Portugal “expressão da vontade de Deus” e configurando sua existência mítica, de predestinação messiânica, como “povo eleito” de “barões assinalados”, como cantou Camões. É o que leva Eduardo Lourenço a dizer que:

[...] a nossa razão de ser, a raiz de toda a esperança, *era termos sido*. E dessa ex-vida são *Os Lusíadas* a prova de fogo. O viver nacional que fora quase sempre viver sobressaltado, inquieto, mas confiado e confiante na sua estrela, fiando a sua teia da força do presente, *orienta-se nessa época para um futuro de antemão utópico pela mediação primordial, obsessiva do passado*. Descontentes com o presente, mortos como existência nacional imediata, nós começamos a sonhar simultaneamente o futuro e o passado.¹⁹

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 19

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 20.

¹⁹ LOURENÇO, Eduardo. **O Labirinto da saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português**. Lisboa: Gradiva, 2007, p. 22.

Tal projeção do passado no futuro é recorrente no imaginário português, refletindo, principalmente, na constante ressignificação dos mitos fundadores, como a crença no “destino imperial”, além de toda a esperança em torno da mitologia do Quinto Império e do “Desejado”, além, também, do “Milagre de Ourique”. A ideia de “povo eleito” seria confirmada através do papel desempenhado por Portugal nos séculos XV e XVI, no período das navegações: o de descobridor de novas terras e de novos céus, desempenhando papel fundamental na formação da identidade nacional, resultando, daí, a crença num “destino nacional”.

Diversos mitos culturais portugueses têm, em diferentes épocas, inspirado em Portugal - e mesmo além das fronteiras ibéricas - as mais variadas expressões artísticas, levantando questões em torno do mito, ficção, nacionalidade. Por isso é que se constata a necessidade de um estudo para além dos dados cronológicos e interpretações simplistas, mas buscar a realidade viva e simbólica da História e dos fatos que dela se originaram, compreendendo que uma análise histórica se dá mais do que pela leitura de documentos coevos, estudos fósseis ou interpretações de artefatos, mas pela leitura do pensamento mágico ancestral. Ao longo do tempo, o espaço físico de Portugal sofreu a influência externa de várias culturas, desde épocas mais remotas. Assim, há que se compreender os iberos originais e a sua tradição mágica, bem como o nascimento, apoteose e decadência de povos posteriores, como os celtas, os cartageneses, os fenícios e os romanos, além da tradição cultural árabe, como povos de grande contributo para aquilo que Portugal é e que pode, muito ainda, ser notado, sobretudo, nas regiões mais interiores, em que as tradições populares sobrevivem e teimam em não desaparecer, resistindo à força do tempo e cuja preservação é fundamental para a própria noção de Portugal. Para dizer com – e como – Nietzsche:

um povo – como de resto também um homem – vale precisamente tanto quanto é capaz de imprimir em suas vivências o selo do eterno: pois com isso fica como que desmundanizado e mostra a sua convicção íntima e inconsciente acerca da relatividade do tempo e do significado verdadeiro, isto é, metafísico, da vida.²⁰

²⁰ NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 137.

Cada momento cultural tem certa densidade mítica em que se combinam e se embatem diferentes mitos. Pensa-se, assim, na relação biunívoca que a Literatura mantém com o imaginário de um povo através dos motivos literários que muitas vezes estão entre os grandes ícones por meio dos quais uma nação se autorrepresenta. Nesta perspectiva, pensa-se como Octavio Paz, para quem “a História é o lugar de encarnação da palavra poética”²¹, numa alusão ao fecundo encontro entre a obra literária e o seu tempo. É algo semelhante ao que postula Mircea Eliade ao pensar nas relações entre História e Mito, quando diz que o mito é sempre fortalecido pelo campo histórico e não por ele aniquilado ou vencido:

Só com a descoberta da História [...], só através da assimilação radical deste novo modo de ser representado pela existência humana no mundo foi possível ultrapassar o mito. Mas não é certo que o pensamento mítico tenha sido abolido [...] Ele conseguiu sobreviver, embora radicalmente modificado [...] e o mais curioso é que ele sobrevive, sobretudo na historiografia.²²

Para Eliade, também, é justamente a presença de Imagens e de Símbolos que conserva as culturas ‘abertas’, para, então, concluir que:

as situações-limite do homem são perfeitamente reveladas graças aos símbolos que sustentam estas culturas. Se se negligenciar este fundamento espiritual único dos diversos estilos culturais, a filosofia da cultura será condenada a ficar como um estudo morfológico e histórico, sem nenhuma validade para a condição humana em si.²³

Por isso à História, normalmente dividida em quatro pilares – religioso, militar, econômico e social – deve-se acrescentar, também, o mítico, como narrativa dos ciclos da existência humana. No que diz respeito a Portugal, ler sua História Oculta é uma forma de compreender o passado, entender o presente e pressentir o futuro de um povo que está situado a sudoeste da Europa, na zona Ocidental da Península Ibérica, possui uma área total de 92 090 km², e é a nação mais ocidental do continente europeu, sendo delimitado a norte e a leste por Espanha e a sul e oeste pelo Oceano Atlântico, mas que é mais que tudo isso. Afinal, o imaginário mítico dos portugueses encontra profundas raízes nos tempos

²¹ PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 227.

²² ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 27.

²³ ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1989, 173.

pré-nacionais e pré-cristãos, de tal maneira que se pode perceber uma série de marcas culturais tais como a celta-lusitana, a indo-europeia, a megalítica e a greco-latina, culturas ancestrais cujos traços marcam o homem primordial português.

Rejeitando o materialismo histórico em favor de uma História Invisível, Lima de Freitas²⁴ entende que o que provoca a História é “fundamentalmente a produção e troca de mitos, de idéias”²⁵. É de Lima de Freitas um neologismo – o “Mitolusismo” – cunhado em 1987. Sobre o tema, o mestre pintou um bom número de quadros, que ficaram expostos na Galeria Gilde, em Guimarães, de 31 de outubro a fins de dezembro de 1987. Ali estavam presentes, para citar alguns, o reino mítico de Preste João, o mito sebastianista com o “Encoberto”, a Rainha Santa Isabel com “O milagre das rosas”, a paixão de Inês e Pedro com “Até a fim do mundo”. Imagens que marcaram – e marcam ainda profundamente – o imaginário português. Os mitos encerram, portanto, uma simbologia essencial, a partir da qual cada povo escolherá o seu modelo, vestido de acordo com a raiz cultural em que se assenta. Por isso, ao atestar a universalidade dos mitos, dirá Lima de Freitas²⁶ que estes são “arquetipos que governam os homens”, constatando que:

A Península é o resultado de camadas de subscientes muito variadas: nórdicos, celtas, árabes, com todas essas moiras encantadas... tem, por isso, um fundo mítico muito grande; e quando afirmo que não existem mitos portugueses faço-o, evidentemente, em sentido estrito, porque existem formas tipicamente portuguesas de mitos e é através do estudo dessas formas que podemos alcançar uma possibilidade séria de autoconhecimento.²⁷

É o que leva Gilbert Durand, numa entrevista a Paulo Alexandre Loução, a sentenciar que “Portugal possui em abundância todos os mitos da Europa”²⁸. Neste sentido é que o antropólogo do imaginário percebe Portugal como uma “reserva” do universo mítico europeu, constituindo “o paradigma da identidade criada e mantida por um povo ao longo

²⁴ FREITAS, Lima de. **Porto do Graal**. Lisboa: Ésquilo, 2006, p. 78.

²⁵ FREITAS, Lima de. **Porto do Graal**. Lisboa: Ésquilo, 2006, p. 77.

²⁶ FREITAS, Lima de. **Porto do Graal**. Lisboa: Ésquilo, 2006, p. 76

²⁷ Se pensarmos na tradição ibérica, é curioso o que acontece, por exemplo, com Inês de Castro: enquanto a tradição literária portuguesa mantinha certa fidelidade ao fator histórico, a maior lenda em torno de seus amores com Pedro – a póstuma cerimônia da coroação e do beija-mão aparece, pela primeira vez, no teatro espanhol.

²⁸ DURAND, Gilbert. *Portugal: Tesouro Oculto da Europa*. Tradução de Lima de Freitas et alli. Lisboa: Ésquilo, 2008, p. 14.

do processo de desenvolvimento das suas imagens fundadoras”²⁹. É a partir dessa portugalidade de certas imagens arquetípicas que Gilbert Durand, em seu trabalho de *mitodologia* – uma orientação epistemológica com a perspectiva de se desenvolver uma abordagem científica que leva em conta o elemento espiritual e coletivo na concretude da realidade imediata –, desenvolve uma minuciosa mitoanálise da *psique* portuguesa, ao enunciar quatro mitologemas – estruturas quase formais de um mito ou de uma sequência de mitos –, todos eles convergindo para o “absoluto *ex-otismo* do imaginário”³⁰. Referindo-se às imagens recorrentes da tradição mítica portuguesa, Durand classifica os mitologemas em quatro grupos; o “Fundador vindo de fora”, a “Nostalgia do impossível”, o “Salvador oculto” e a “Transmutação dos atos”³¹. Para Dalila Pereira da Costa:

Quando Portugal iniciar este trabalho de exegese simbólica de sua cultura, descendo ao mais fundo da sua alma, desvendando e possuindo seus arquétipos, como suas forças criadoras, as mais interiores, primevas e irredutivelmente nacionais, ele possuirá desde então também sua capacidade de se abrir ao mais exterior, actual e universal. Exterior e interior, passado e futuro, fazendo parte desde então para ele de uma unidade indivisa. [...]. Será esse o segundo ciclo da Descoberta, agora proposto, a si aberto, como descida, entrada e desvendamento do Mar Tenebroso. Agora, tudo se fazendo na interioridade, os monstros a vencer estarão na sua alma, ‘num mar sem tempo nem espaço’: não mais projectados num mar exterior.[...].³²

É a constante reelaboração dos mitos que os faz permanecerem no imaginário português, assumindo diferentes roupagens de acordo com condicionamentos histórico-político-culturais. A língua e a literatura, principalmente, revisitam certas figuras que, sendo históricas, transcendem a própria historicidade, retornando na Literatura já como parte da própria identidade cultural portuguesa. Quanto a isso, merece atenção a seguinte reflexão de António Quadros:

²⁹ DURAND, Gilbert. *Portugal: Tesouro Oculto da Europa*. Tradução de Lima de Freitas et alli. Lisboa: Ésquilo, 2008, p. 133.

³⁰ DURAND, Gilbert. *Portugal: Tesouro Oculto da Europa*. Tradução de Lima de Freitas et alli. Lisboa: Ésquilo, 2008.

³¹ Um estudo mais aprofundado pode ser lido em BITTENCOURT, Roberto Nunes. Mitos, traumas e utopias: dinamismos da história portuguesa e recepção no universo literário. In. Revista Exagiu. número 9 2011, p. 17-36 (http://www.revistaexagium.ufop.br/PDF/Edicoes_Passadas/Numero9/3.pdf)

³² COSTA, Dalila Pereira. *A ladainha de Setúbal*. Porto: Lello & Irmão, 1989. p. 287-288.

O homem português, ou melhor, o arquétipo do homem português é o que emerge e se revela em determinados períodos históricos favoráveis, mas é também o que se oculta ou é ocultado, o que se reduz a uma vida estagnada e recalcada, nos períodos em que se desfaz a sua *paideia*. Uma *paideia*, ao modo grego, é a solidariedade e a univocidade entre a estrutura cultural e o sistema educativo de um povo, ambos se ordenando a um telos ou a um fim superior, que todos então sentem como seu, pelo qual vivem, lutam e se sacrificam se necessário for. Sem a restauração de uma *paideia* essencialmente portuguesa, não deixado de ser universal, será difícil, se não for impossível, que o homem português se reencontre, numa reinvenção que ou começa pelas elites, pelas classes letradas, ou nunca mais será possível. Sem uma *paideia* portuguesa renovada jamais poderemos ter uma pátria portuguesa dinâmica, criadora de valores, voltada para o futuro a partir das suas raízes e das suas linhas genéticas fundamentais, sem as quais a nossa identidade se perderia num progressismo vazio e superficial.³³

Não se pode descurar o fato que é pelo imaginário – esse museu de imagens – que se atinge não só a mente de um povo, mas também o seu coração, os medos e as esperanças. Trata-se, em suma, de um processo de definição da própria identidade nacional. No caso específico de Portugal, inscrever, no texto literário, figuras como Viriato, Afonso Henriques, D. Sebastião, Isabel de Aragão e Inês de Castro, só para citar alguns, é uma forma de escrever o *ser* português. Assim, pela fecundação de figuras míticas, Portugal revê seu passado, faz o presente, projeta o futuro, procura escrever seu destino³⁴. É o que leva Eduardo Lourenço a concluir que:

o imaginário e a sua função na arquitectura global do que chamamos o nosso destino, não se situa no simples prolongamento do real, como sublimação dele ou compensação da sua ausência. Se o nosso rei Sebastião faz realmente parte do imaginário português, como Joana d'Arc do francês, não é como figura da perda ou do sacrifício que num dado momento foram derrota ou martírio históricos, mas como figuras que transfiguraram já no mero plano histórico esse real, e, mais importante do que isso, condicionaram na sua ordem as manifestações decisivas dessa realidade, impondo-lhe uma necessidade e uma energia que nada têm que ver com a da lei que rege os fenómenos ou a energia que os suscita. É esse tipo de realidade que, literalmente, se define por não ser real, que constitui o campo do imaginário.³⁵

³³ QUADROS, António. **Portugal, razão e Mistério – II**. Lisboa: Guimarães Editores, 1999, p. 61.

³⁴ Para Lima de Freitas, portanto, o conhecimento da *mitografia* é a chave de velhas interrogações como “Quem somos? De onde vimos? Para onde vamos?”. Neste sentido que o imaginário português se fundamenta nos mais sólidos esagrados princípios, tendo sido constituído a partir da Ibéria como plano de realização dos mais altos desígnios.

³⁵ LOURENÇO, Eduardo. **Do Mundo da Imaginação à Imaginação do Mundo**. Lisboa: Fim de Século, 1999, p. 14.

A partir de tal perspectiva, Eduardo Lourenço pensa Portugal como uma nação que se volta à sua História no sentido de buscar um sustento ontológico, capaz de suportar esse desconhecimento. Pela literatura reescreve-se a história, inventa-se a pátria. Assim, o povo busca no passado – talvez bastante distante – uma segurança, uma estabilidade simbólica. E esse passado português, visto pelos próprios portugueses, chega a ser mítico. Por isso, há que se pensar à luz do que diz Lima de Freitas, quando afirma que: “Cada poeta, cada nação, cada modo de sentir terá de traduzir o mito sem tempo para a inteligência do seu tempo. Sob pena de perder a identidade de nação e de perder o sentido”³⁶.

A História pode ser entendida como uma atualidade permanente – em que o passado é grande espelho no qual se reflete a imagem do futuro – e, portanto, há que se saber consultar o passado para que as experiências postas diante dos olhos sirvam como exemplos para que se projete o novo quadro histórico que se quer reproduzir. Quanto a isso, um salutar diálogo pode ser estabelecido entre o campo histórico e o literário.

O que se quer dizer com isso é que cabe, também à literatura, a leitura, interpretação e propagação de muitas “células mitológicas”³⁷ que persistem no imaginário coletivo. Para Eduardo Lourenço, a Literatura é “antes o espelho infinitamente reflectido do sentimento de nós mesmos, dos outros e do mundo como ávido de maior realidade e verdade que só imaginá-las inventa para que possamos suportar a existência na sua opacidade e fulgurância absoluta”³⁸, o que corrobora a ideia de que o texto literário é um veículo de conhecimento de uma dada época.

Nesse contexto, portanto, é que diversos autores aventuraram-se no espaço denso dos símbolos e dos mitos nacionais. Poetas, romancistas e dramaturgos que, pelas vias da memória, buscavam as mais profundas raízes dum lusitanismo intimista, que do passado fizeram emergir vultos heroicos, e pelo sentimento saudoso – ou, mesmo fatalista – quiseram fazer renascer a energia e a alma da nação. Vê-se, assim, que a produção literária portuguesa vai, a cada época e em diversos estilos literários, afirmando seus próprios mitos – ou, para dizer como Lima de Freitas, mais exatamente – a forma portuguesa de perceber, de interpretar os mitos.

³⁶ FREITAS, Lima de. **Porto do Graal**. Lisboa: Ésquilo, 2006. p. 91.

³⁷ LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e Significado**. Tradução de António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1987.

³⁸ LOURENÇO, E. “O livro e a literatura”. In. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 872, de 3 a 16 de Março, 2003, p. 5.

Referências:

- BORGES, P (dir.). **Nova Águia, Revista de cultura para o século XXI: A Ideia de Pátria, Sua Actualidade**. Nº1, Lisboa: Zéfiro, 1º semestre 2008.
- COSTA, D & GOMES, P. **Introdução à Saudade**. Porto: Lello & Irmão, 1976.
- DURAND, G. **Portugal: Tesouro Oculto da Europa**. Tradução de Lima de Freitas et alli. Lisboa: Ésquilo, 2008.
- ELIADE, M. **Aspectos do mito**. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FRANCLIM, S. **A Mitologia Portuguesa segundo a História Iniciática de Portugal**. Parede: República dos Livros, 2009.
- FRANCO, A. **“Filologia, origem e arcaísmos da palavra Saudade”**. In. FREITAS, Lima de. **Porto do Graal**. Lisboa: Ésquilo 2006.
- LOURENÇO, E. **Nós como Futuro**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1997.
- LOURENÇO, E. **Do Mundo da Imaginação à Imaginação do Mundo**. Lisboa: Fim de Século, 1999.
- LOUÇÃO, Paulo Alexandre. **A Alma Secreta de Portugal**. 4. ed. Lisboa: Ésquilo, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- QUADROS, António. **Portugal, razão e Mistério – II**. Lisboa: Guimarães Editores, 1999.